



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento
Diretora da Editora e Gráfica Universitária: Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelon | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner
Profª Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profa. Dra. Márcia Janete Espig
Profa. Dra. Ana Inês Klein

Técnicos Administrativos:

- Paulo Luiz Crizel Koschier
- Ivoni Fuentes Motta

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes
Profª Dra. Beatriz Ana Loner
Profª Dra. Lorena Almeida Gill
Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)
Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2010

ISSN – 1516-2095

Tiragem: 300 exemplares

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.16, (dez. 2010). – Pelotas: Editora
da UFPel, 2010.
1v.

Anual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.
CDD 930.005

IMAGEM DA CAPA: Mercado Público Pelotense –
início do século XX. Fonte: Álbum de Pelotas de 1922.

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154
Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

Fone/Fax: (53) 3278-6765

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>

e-mail: ndh@ufpel.edu.br

O COMUNISMO E A UNIÃO SOVIÉTICA NAS PÁGINAS DA *REVISTA DO GLOBO* (1930-1945)

COMMUNISM AND SOVIET UNION IN THE PAGES OF *REVISTA DO GLOBO*
(1930-1945)

Marisângela T. A. Martins¹

Resumo: O artigo analisa os artigos e as reportagens sobre o comunismo e a União Soviética veiculadas pela *Revista do Globo* durante a chamada Era Vargas (1930-1945). O propósito é mostrar a relação entre a frequência e o teor dos textos com os indivíduos que assumiram a direção do impresso no período, em especial Erico Veríssimo, Luiz Estrela e Justino Martins.

Palavras-chave: Comunismo. União Soviética. *Revista do Globo*.

O objetivo desse artigo é analisar a frequência e o conteúdo das reportagens sobre o comunismo e a União Soviética (ou Rússia) veiculadas na *Revista do Globo* durante a chamada Era Vargas (1930-1945). O referido impresso foi criado em 1929 em Porto Alegre, e, juntamente com a Livraria e a Editora, compunha o conjunto de empresas mantidas pela família Bertaso.² O quinzenário circulou até 1967, passando por várias linhas editoriais ao longo desse período. Ele foi idealizado pelo literato e militante do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) Mansueto Bernardi, um fervoroso católico natural de Treviso (Itália) que cumpria a função de orientador literário da firma de José Bertaso. Bernardi era homem bem relacionado. Tinha seu gabinete sempre frequentado por políticos e escritores de relevo, como Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, Oswaldo Aranha, Zeferino Brasil e João Pinto da Silva. (VERISSIMO, 1973, p.3-4).

A Livraria do Globo constituía-se num importante espaço de sociabilidade da elite política e intelectual do estado do Rio Grande do Sul. Nesses encontros informais, escritores já consagrados e poderosos homens da política discutiam assuntos diversos – entre eles, política e literatura – contribuindo para a definição da pauta dos problemas legítimos e dos princípios organizadores da produção literária. Tais escolhas eram orientadas

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

² Para maiores detalhes, cf. BERTASO (1993); HALLEWELL (2005); TORRESINI (1988); VERISSIMO (1973); VERISSIMO (1974).

por referenciais estéticos, mas também por convicções políticas, e eram dadas a conhecer, reconhecidas e oficializadas, de forma dispersa, nos impressos em que esses homens publicavam. As reuniões, assim, mais do que entretenimento, configuravam-se práticas sociais que funcionavam como instâncias de consagração. E, uma vez definidos e oficializados os critérios legítimos, estes homens deles se apropriavam, impondo estilos e legitimando sua produção e seu lugar no pólo dominante da esfera cultural da cidade.

O surgimento da *Revista do Globo* está ligado ao conjunto de intelectuais e políticos que visitavam a Livraria. De acordo com Fernanda Rios Petrarca, a *Revista do Globo* situava-se no espaço híbrido que resultava da imbricação entre a política, o jornalismo e a literatura. Dela participava parte das elites políticas e intelectuais gaúchas, cujos membros seriam as lideranças da Revolução de 1930. Segundo a socióloga, o objetivo do periódico era fortalecer a aliança entre republicanos e “federalistas” (libertadores), contribuindo para mobilizar os grupos que atuaram no movimento armado. Nesse caso, ela conclui, cultura e jornalismo foram colocados a serviço da política. (PETRARCA, 2007, p.73-74). Mas a iniciativa de criar efetivamente o periódico partiu de José Bertaso após um pedido de Getúlio Vargas. O então governador do Rio Grande do Sul sugeriu em várias ocasiões que o proprietário da casa de livros publicasse uma revista cultural e social, um impresso moderno e digno de representar a capital do estado.

O primeiro número do quinzenário foi lançado em 5 de janeiro de 1929, tendo como diretor Mansueto Bernardi, que permaneceu na função até abril de 1931, quando aceitou o convite de Vargas, já presidente da República, para dirigir a Casa da Moeda. Nesse período, as edições da revista dispensavam muitas páginas aos eventos sociais de Porto Alegre e das cidades do interior, publicando fotos de moças de família, de bodas e de aniversários, informando chegadas e partidas de pessoas importantes e oferecendo bajuladoras reportagens sobre os ícones da política (Flores da Cunha, João Neves da Fontoura, Getúlio Vargas, entre outros) e de consagrados escritores gaúchos, sobretudo daqueles dedicados ao regionalismo, um dos principais “princípios do recorte da unidade de referência”. (CORADINI, 2007, p.422). Tratava-se, na época, de um movimento literário pautado por uma versão “heroica” ou calcada em “panteões” (CORADINI, 2007, p.425), mas que pode ser apreendido numa perspectiva mais ampla, se o considerarmos como uma variante literária do federalismo defendido havia décadas pelo castilhismo-borgismo ou do comportamento político característico da década de 1920 no Rio Grande do Sul, marcado pela aceitação do Estado-Nação, mas também pela busca de favoritismo econômico e do patronato político da unidade

política maior (LOVE, 1975, p.115).

Sob a direção de Bernardi, a *Revista do Globo* teve intensa atuação em prol da união de republicanos e libertadores na “frente única”, planejada por Vargas, e nas campanhas em torno das eleições presidenciais de 1930 e do movimento que colocou o líder político de São Borja na presidência da República.³ Até esse momento, predominavam as notícias voltadas para a política sul-rio-grandense, mas nenhuma delas tratava dos grupos marginalizados da política; pelo contrário, as notas e reportagens davam conta dos acontecimentos envolvendo as grandes figuras do arranjo político. Esse caráter persistiu, em parte, na fase em que o impresso foi dirigido por Erico Veríssimo.

O então jovem escritor de Cruz Alta assumiu a direção da revista em 1931 e nela permaneceu até 1936.⁴ Para o historiador Mateus Dalmáz (2002, p.45), a atuação de Erico pode ser considerada emblemática de um período em que o impresso passou a apresentar alguns elementos do conceito de “jornalismo moderno” (Cf. RUDIGER, 1998, p.63), como a publicidade, os detalhes gráficos e a diversidade de matérias. Contudo, persistiam o domínio literário e o improvisado.⁵ Houve um esforço no sentido de dar um ar mais popular à revista, com a publicação de fotos de assinantes e de sonetos de fregueses da Livraria. (DALMÁZ, 2002, p.47). Muitas páginas continuavam anunciando serviços de médicos renomados, divulgando instantâneos de casamentos de membros da elite e exaltando a atuação do interventor Flores da Cunha e do presidente Vargas.⁶ Porém, matérias de cunho internacional começaram a se fazer cada vez mais frequentes, sobretudo a partir de 1933. Entre elas, é possível identificar dois assuntos em especial: o nazifascismo e o

³ Por exemplo: Ao Rio Grande Unido! Pelo Comitê Central Pró-Getúlio Vargas e João Pessoa. *Revista do Globo*, Anno I, n.17, 14/09/1929.

⁴ Veríssimo recorda, em um de seus livros de memórias, que ele tomou conta da *Revista do Globo* e o filho de José Bertaso, Henrique Bertaso, passou a chefiar a Seção Editora da Livraria do Globo. (VERÍSSIMO, 1973, p.23). Outras informações a respeito da relação de Veríssimo com os Bertaso podem também ser consultados em VERÍSSIMO (1974).

⁵ O escritor Erico Veríssimo (1973, p.57-58) confessou que, trabalhando geralmente sem verba para pagar colaboradores, o jeito era escrever contos às pressas e publicar sob um pseudônimo estrangeiro. Gilberto Miranda, por exemplo, foi uma “personalidade de conveniência”, cuja assinatura subscrevia traduções, críticas literárias, matérias sobre modas feminina e masculina, trabalhos manuais, política internacional entre outros variados assuntos.

⁶ A edição de 1º de dezembro de 1934, por exemplo, foi dedicada integralmente ao chefe de Estado. Cf. S. Excia. o Presidente e a *Revista do Globo*. Ano VI, n.23.

comunismo.⁷

Sob a direção de Verissimo, o comunismo foi veiculado na *Revista do Globo* associado à União Soviética (URSS), a Stalin e à Guerra Civil Espanhola, sempre abordado por autores estrangeiros (jornalistas e literatos). A maioria dos textos não atacava ferozmente os comunistas e seu ideal, mas acabava colaborando para a propagação de uma imagem negativa sobre eles, apelando não tanto para a política, mas para a moral.

A edição de 28 de janeiro de 1933 contava as boas impressões do escritor e jornalista alemão Emil Ludwig em relação às ruas de Moscou, aos moscovitas e seus governantes. Afirmou ele: “Ninguém se põe de joelhos para limpar, antes que eles [os governantes soviéticos] passem, a escadaria de mármore, porque eles não na pisam. Tudo se faz em benefício duma massa homogênea. Isso não é belo, mas é justo.”⁸ Já o texto assinado por Alice Galimberti, trazia uma biografia muito simpática a Stalin. A escritora italiana relatou a vida do chefe soviético, falando de suas origens humildes, dos açoitamentos sofridos na prisão, das fugas, do encontro com Lênin em Paris e do processo em que acumulara força e poder para substituí-lo.⁹ Entre setembro e dezembro de 1936, o comunismo também ganhou contornos positivos nas páginas reservadas para notícias advindas da Espanha. A cobertura da Guerra Civil Espanhola foi feita, basicamente, através de fotografias acompanhadas de legendas, nas quais os revolucionários foram retratados muito simpaticamente. Comentava-se elogiosamente a participação das mulheres no conflito, chamando atenção para sua coragem, alegria e beleza (“uma beldade de Barcelona”, referia-se uma das fotos).¹⁰

Percebe-se que não se entrava em questões teóricas ou políticas nas ocorrências em que o comunismo era abordado positivamente. Os autores ressaltavam características pessoais admiráveis, como a humildade e a capacidade de Stalin resistir ao sofrimento ou a bravura e a beleza das mulheres combatentes nas batalhas da Espanha. Por sua vez, nas matérias nas quais o regime preconizado pela URSS foi rechaçado, a figura da mulher, a instituição da família e o suposto ateísmo dos comunistas serviram para mostrar o quão perigoso seu sistema se mostrava.

⁷ Sobre o nazifascismo, de um modo geral, e a Alemanha e o nazismo, em particular, sugiro ver DALMÁZ (2002).

⁸ O que vi em Moscou. Ano V, n.2, 28/01/1933.

⁹ Stalin, o caucásico. Ano V, n.13, 12/07/1933.

¹⁰ Cf. A Guerra Civil Espanhola. Ano VIII, n.190, 05/09/1936, p.80-81; A mulher na Guerra Civil Espanhola. Ano VIII, n.194, 07/11/1936, p.20

Os primeiros textos nesse sentido datam de meados de 1933. Um deles, assinado por Alexandre Nazaroff, dava notícias do assassinato de um homem por ter usado o banheiro por mais de meia hora, cujos assassinos foram absolvidos pela justiça soviética. O autor usou esse caso de condescendência com a intolerância para demonstrar o caos em que a Rússia havia se tornado após o Plano Quinquenal, que não havia previsto novos estabelecimentos de moradia, resultando em uma “tremenda aglomeração nos apartamentos”. Neles, envolvidos por paredes improvisadas, os inquilinos comiam, cozinhavam e recebiam visitas, dependendo de banheiros insuficientes.¹¹ Nazaroff sugeria que o responsável pela morte do morador era, na verdade, a “maravilhosa experiência russa” tão exaltada em conferências realizadas em Londres, Paris, Berlim e Nova Iorque.

O historiador Rodrigo Patto Sá Motta (2002, p.70) afirma que os anticomunistas se empenhavam em atacar os países socialistas, apontando neles a existência de toda sorte de misérias com o objetivo de esvaziar o argumento daqueles que os defendiam. Além das precariedades não sanadas pelo Plano Quinquenal, o problema do alcoolismo foi abordado em outro momento.

A edição de setembro de 1933 trouxe um artigo de Michail Zoscenko, escritor e satirista russo bastante popular. Ele contava o caso do operário Hljebgnikov, cujos superiores escandalizaram-se quando viram que ele assinava uma cruz na folha de pagamento, acreditando que o funcionário era analfabeto. Hljebgnikov sabia ler e escrever, mas, geralmente, estava muito alcoolizado para lembrar o próprio sobrenome no momento de registrá-lo junto ao documento. Uma vez esclarecido que ele não era analfabeto, mas apenas bêbado, as autoridades responsáveis pela erradicação do analfabetismo na fábrica sentiram-se aliviadas.¹² Nesse caso, o alcoolismo aparece mais como um aviltante problema social não solucionado pelo regime soviético, numa forma sutil de desacreditar a revolução e o comunismo.

Outro artigo, de um antropólogo norte-americano, Alpheus Hyatt Verril, traçou um paralelo entre a Rússia e o Império Inca. Entre as semelhanças, o autor destacou a variedade racial e o matrimônio e o divórcio como coisas simples em ambas sociedades. Para ele, as diferenças residiam no plano espiritual. Enquanto os “peruanos” haviam sido “extremamente religiosos”, os “soviets” lutavam por eliminar a crença no sobrenatural.¹³ O

¹¹ A vida em um apartamento russo. Ano V, n.11, 14/05/1933.

¹² Um pequeno erro. Caricatura russa. Ano V, n.17, 16/09/1933.

¹³ O comunismo dos incas. Ano V, n.14, 26/07/1933.

suposto ateísmo dos comunistas esteve na base das críticas subjacentes nos demais textos, principalmente naqueles relacionados à mulher e à família.

Em meados de 1934, a *Revista do Globo* publicou o texto “A Família através do Fascismo e do Comunismo”, assinado por Lic. M. do Rio Gouvea. O autor apontava a Rússia como a “iniciadora” do movimento de desagregação da família, apoiando-se em artigos escritos por Karl Radeck, editor do jornal soviético *Isvestia* e conselheiro privado de Stalin. Radeck teria afirmado nas páginas do periódico que a família estava se convertendo de unidade social e individual à coletiva em seu país. Para Gouvea, os comunistas desejavam submeter os interesses da família ao Estado. Semelhante era o pensamento russo em relação ao papel da mulher, considerada melhor cidadã e melhor companheira, pessoa livre e sem sujeição, não tendo que depender de um homem para a sua segurança econômica. Na Itália fascista dava-se algo diferente. A mulher era a “chave do porvir”, encorajada a assumir a responsabilidade de gerar uma geração futura forte, sã e talentosa, sendo, assim, valorizada enquanto mãe. O *Duce*, ao contrário de Stalin, acabava desenvolvendo o culto da família e da maternidade.¹⁴

A opinião contrária à desagregação da família e à emancipação da mulher era partilhada por outros autores publicados na revista. De Fernando Azevedo, por exemplo, o impresso divulgou a opinião sobre o feminismo (“reivindicações vermelhas”): o mal maior que se poderia infligir sobre a mulher era satisfazer todas as suas vontades.¹⁵ Para o mesmo número, Luiz Estrela – membro da equipe do periódico – escreveu um texto abordando o trabalho como um meio criado por Deus para o homem alcançar a felicidade. Mas o autor aproveitou para explicitar seu repúdio ao divórcio.¹⁶ Um ano e dois meses depois, a *Revista do Globo* aconselhou seus leitores a prestar atenção em alguns provérbios do escritor russo Máximo Gorki para entender a ideia que seus conterrâneos faziam da mulher, “criaturas que são objeto da veneração de todos os povos”. Eis as sentenças reproduzidas: “Para as mulheres e para os animais não há tribunais”; “Quanto mais castigares tua mulher, melhor será a tua sopa.”¹⁷ Se, para Azevedo, não poderia haver malefício maior do que libertar a mulher dos limites e deixá-la desfrutar de todos os desejos (uma reivindicação do comunismo) para o responsável (não identificado) pela seleção das frases atribuídas ao escritor russo, os soviéticos desrespeitavam a mulher e a tratando de forma desumana.

¹⁴ A Família através do Fascismo e do Comunismo. Ano VI, n.9, 16/05/1934.

¹⁵ *Revista do Globo*, Ano VII, n.1, 05/01/1935, p.3.

¹⁶ O Trabalho. Ano VII, n.1, 05/0/1935, p.6.

¹⁷ Os russos e a mulher. Ano VIII, n.181, 25/03/1936, p.5.

A mensagem que subjaz esses últimos textos é a do caráter imoral ou amoral dos comunistas. No Brasil, ela foi bastante eficaz na propaganda anticomunista difundida pela Igreja Católica, que colocava a família, “o pilar básico do edifício cristão”, como o principal alvo visado pelos seguidores do comunismo. (MOTTA, 2002, p.62). Segundo Motta (2002, p.66), “divórcio, a libertação da mulher, educação sexual e aborto, estas medidas adotadas pelos bolchevistas serviam para conferir verossimilhança às afirmações de que o comunismo visava à destruição da família e solapar a moral”. Mas a linguagem usada nos textos veiculados na *Revista do Globo* deixava essas ideias nas entrelinhas, não chegando a acusar abertamente os comunistas de “inimigos da família”.

Luiz Estrela, autor do artigo sobre o trabalho acima comentado, foi quem substituiu Erico Verissimo no final de 1936, quando o escritor – já consagrado com sucesso de crítica e de público em livros como *Clarissa e Caminhos Cruzados* – passou a exercer a função de conselheiro literário da seção editora da Livraria do Globo. Sobre Estrela, não se sabe mais do que os dados oferecidos pela revista até setembro de 1938.

O novo diretor posicionou-se mais francamente que Verissimo em relação aos acontecimentos políticos, em especial ao fascismo e ao comunismo. Sob sua linha, o periódico não mais falou da coragem, da alegria e da beleza das combatentes da Guerra Civil, mas do seu sofrimento. A matéria publicada na edição de 27 de fevereiro de 1937 trazia como ilustração as mulheres espanholas descompostas, carregando roupas em cestos e trazendo crianças no colo e pela mão com a legenda: “Os inocentes são os que mais sofrem as consequências da luta que eles não provocaram. Quantos crimes se cometem em nome de ideais? Dizem que lutam para trazer melhores dias ao povo. Mas quando e como virá a felicidade para estes órfãos e para estas viúvas?”.¹⁸ O trecho deixa claro que o autor duvidava da validade da luta dos revolucionários espanhóis diante de mortes que resultavam em filhos que cresceriam sem o referencial paterno e em esposas que seguiriam vivendo sem o apoio dos maridos.

Estrela selecionou textos de estrangeiros, abriu espaço para autores locais, publicou reportagens sobre eventos da Igreja Católica no estado e artigos de sua própria autoria, nos quais é possível perceber sua preocupação em desacreditar os argumentos comunistas e o regime soviético. Em seu primeiro número, ele dedicou uma espécie de editorial ao feriado natalino por meio do qual explicitou seus princípios. Ele iniciou falando da Guerra Civil

¹⁸ Da Guerra na Espanha. Ano XI, n.201, 27/02/1937, p.24.

Espanhola, “uma das mais deploráveis convulsões humanas destes tempos”, e, em seguida, passou a analisar a evolução da relação entre dominantes (ricos) e dominados (pobres), processo no auge do qual, segundo Estrela, os homens adquiririam consciência do seu poder e passariam a exigir a democracia,

regime do povo pelo povo, e que é também o único sistema de governo sob o qual todos os homens poderão viver livres e felizes. Socialismo, fascismo e comunismo, são consequências mal tiradas dos princípios democráticos. [...] E como esses sistemas políticos são conclusões mal deduzidas, pelo desvirtuamento das premissas, terão, fatalmente – prejudicados pela verdade reconstituída – que desaparecer, para dar lugar à mais bela democracia, que é a aspiração, consciente ou ainda não definida, de todos os homens que amam o seu próximo. [...] Eu sou um crente. Creio em Deus, no simbolismo do Natal e no amor dos homens.¹⁹

O excerto evidencia a defesa de um regime democrático clássico, ligado ao genérico e maleável conceito de povo, sem fazer nenhuma referência às liberdades de pensamento, de expressão e de reunião, cada vez mais ferrenhamente reprimidas pelo governo Vargas, naquele momento, em escala autoritária crescente. O autor parecia sustentar sua confiança na democracia com base num altruísmo cristão, terminando por confessar sua fé em Deus e em tudo o que a data do nascimento de Jesus Cristo significava.

Para falar mais abertamente sobre o “comunismo ateu”, o então diretor da *Revista do Globo* recorreu à autoridade máxima do catolicismo, o Papa Pio XI. Na edição de 14 de agosto de 1937 – na qual havia a cobertura, em fotografias, do I Congresso Eucarístico do Estado do Rio Grande do Sul – Estrela reproduziu trechos da Carta Encíclica do sumo pontífice, em que o regime soviético era combatido com fervor, incitando o temor dos fiéis, como nessa passagem:

Povos inteiros se encontram no perigo de recair em uma barbárie pior que aquela em que jazia a maior parte do mundo ao aparecer o Divino Redentor. Este perigo tão ameaçador, Vós já o haveis compreendido, Veneráveis Irmãos, é o comunismo bolchevista e ateu que intenta subverter a ordem social e sacudir os mesmos fundamentos da civilização cristã.²⁰

Na sequência, Pio XI afirmava que o comunismo escondia uma ideia de falsa redenção, um pseudo ideal de justiça, de igualdade e de fraternidade no trabalho, um falso misticismo propagado com entusiasmo contagioso e do qual os “bolcheviques” se envaideciam, como se possuíssem a única e genuína

¹⁹ Prece de Natal. Ano VIII, n.197, 22/12/1936, p.15.

²⁰ Carta Encíclica do Papa Pio XI sobre o “comunismo ateu”. Ano IX, n.211, 14/08/1937, p.56.

interpretação dos princípios de Marx. Ademais, entre os comunistas, não havia lugar nem para Deus, nem para a alma, nem para a vida após a morte e nem para a moral. Tratava-se de um terrorismo ao qual alguns homens submetiam as populações da URSS. O Papa chamava a atenção da comunidade católica para o caráter sedutor do comunismo, para o embuste de que aqueles que se deixassem atrair por ele seriam vítimas.

A edição seguinte trouxe matéria sobre a 27ª Carta Pastoral publicada pelo Arcebispo D. João Becker por conta do 25º ano do seu arquiépiscopado. O texto não foi assinado, mas presume-se que seja de autoria de Estrela, diretor da revista. O autor destacou o que considerou importante no documento, ressaltando que, nele, D. João Becker indicava com exatidão e clarividência os “únicos meios” possíveis de se evitar o aniquilamento da humanidade pela onda de materialismo que a invadia.²¹ O autor do texto buscou esclarecer os leitores da *Revista do Globo* de que só os representantes da Igreja Católica tinham o discernimento e a autoridade necessárias para indicar as maneiras pelas quais os cristãos deveriam combater aquele inimigo tão ameaçador.

Meses antes de dispensar essas páginas para os pronunciamentos de Pio XI e D. João Becker, Luiz Estrela havia publicado um comentário crítico de um livro de André Gide, escritor francês que, após aderir ao comunismo, viajou à União Soviética e retornou desiludido, escrevendo um documentário sobre o país dos soviets. Na opinião do diretor, a obra se tratava de “um dos mais palpitantes documentários que se t[inha] lido contra a causa comunista”. E seguiu:

Mas o que a Rússia lhe reservou foi a miséria da vida material improvisada em sistema produtor, foi o horror moral e a anulação espiritual dos homens escravizados em massa, foi a desvirtuação de todos os princípios que a humanidade tem considerado capazes de elevar o homem; e atrás de tudo isso – suprema ironia num regime que pretende defender a liberdade das coletividades! – o punho de ferro de um só homem, pesando forte sobre as tristes cabeças acurvadas.²²

Na descrição do documentário, o autor procurou demonstrar que Gide havia sido vítima do embuste do comunismo. O discurso dos soviéticos havia seduzido o escritor, que, uma vez na Rússia, teve a oportunidade de comprovar que suas promessas de progresso material e de liberdade eram falsas, pois, na realidade, o que se encontrava no país era a miséria, causada por uma economia mal administrada, e a ditadura, que submetia e humilhava seus

²¹ Vigésima Sétima Carta Pastoral. Ano IX, n.212, 31/08/1937, p.4-5.

²² De volta da U.R.S.S. Ano IX, n.205, 08/05/1937, p.7.

cidadãos. E tudo isso acrescidas de um aspecto igualmente grave: a decadência moral.

A descrição do regime soviético nesses termos ganhou o reforço de um artigo do ativista político inglês John Backer White publicado menos de um ano depois. Homem comprometido na luta contra a esquerda, White afirmou que, a despeito do que asseveravam “alguns advogados do regime soviético”, era possível comprovar na própria imprensa soviética e em documentos oficiais das autoridades russas que na URSS houvera prisões em massa, banimentos, execuções por roubo e incompetência e que a indústria era precária.²³

No conjunto de reportagens, artigos e notas acerca do comunismo selecionadas para publicação por Luiz Estrela, também coube lugar a textos de representantes do aparato jurídico-policial montado pelo governo Vargas para reprimir seus opositores. Tal estrutura teve atuação intensa no período do Estado Novo (1937-1945), embora a repressão àqueles que se elevavam contra a crescente centralização do Executivo nacional funcionasse havia alguns anos.

Em março de 1938, a *Revista do Globo* reservou espaço para um comunicado do Serviço de Divulgação da Chefia de Polícia do Distrito Federal. O autor, não identificado, propunha-se a comprovar que as crianças constituíam-se nas maiores vítimas do comunismo instaurado na Rússia, recorrendo a afirmações atribuídas, por ele, a Trotsky. Essa pessoa “notável” e “insuspeita” – porque marxista – teria manifestado impressão negativa sobre a criança russa, “abandonada, faminta, sem moral, sem amor ao próximo, sem noção de honra e sem amor à Pátria”. Na opinião do responsável pelo comunicado, esse descaso para com os pequenos evidenciava a intenção dos russos de destruir a sociedade e a Pátria. Era um mal, portanto, incutido e alimentado desde cedo no país dos soviets. E, para provar o que dizia, o autor reproduziu a imagem de um cartaz, segundo ele, adotado pelos comunistas “em sua obra de desagregação da família”. Vejamos:

²³ O Enigma da Rússia. Ano X, n.227, 30/04/1938, p.46-47.



A ilustração apresenta um grupo de crianças – praticamente bebês – disposto como que em comício, a segurar cartazes e fazer reivindicações com braços erguidos. À esquerda, sobre algo que nos lembra um caixote, ficava, ao que parece, uma menina, numa postura de liderança, aspecto que se pode deduzir não apenas pela forma como ela está disposta na imagem, mas também pela expressão pintada nos rostos de parte das demais crianças, que miravam-na como se dela esperassem orientações.

Sob a gravura, o funcionário do Serviço de Divulgação da Chefia de Polícia ofereceu a tradução dos cartazes levantados pelos infantes russos na gravura: “Sem governo”, “Valemos tanto quanto os grandes”, “Liberdade de ação”, “Reunidos todos para luta” e “Governamo-nos sozinhos, sem pai e sem mãe”. E concluiu: “É assim que os propagadores do comunismo iniciam sua ação nefasta destruindo na criança toda a afetividade [sic] pelos parentes, pelos próprios pais. Procuram fazer do menino um inimigo da sociedade, iludindo-o com falsa e perigosa liberdade, da qual ele se arrependerá mais tarde, com suas consequências perigosas para a saúde e para o seu bem estar.”²⁴

Ao reproduzir essa imagem, o autor sugeriu que o comunismo acabava com a inocência da criança, fazendo-a se comportar como adulta muito cedo e atribuindo-lhe responsabilidades com as quais ainda não tinha condições de

²⁴ A Criança, a maior vítima do comunismo. Ano X, n.225, 31/03/1938, p.9-11.

arcar. A consequência fatal seria a destruição das relações de respeito e hierarquia, pois, ao responderem por suas próprias ações desde a tenra idade, os pequenos não veriam necessidade de admirar os pais e demais parentes mais velhos.

As vítimas da mentira artificiosa, no entanto, não eram as crianças russas, mas os leitores do comunicado. Para bem comprovar seus argumentos, o autor do texto apresentou traduções erradas para as faixas que apareciam na ilustração, nas quais meninos e meninas expressavam, na verdade, “Fralda limpa e seca”, “Proteção das moscas”, “Os peitos maternos”, “Ar puro e luz”, “Nós exigimos!”, “Pais saudáveis” e “As parteiras não são atendentes”. O conteúdo dos cartazes dizia respeito às necessidades e aos cuidados que se deveria ter com crianças pequenas, absolutamente contrário à tradução proposta pelo representante da polícia.

Talvez ele tenha feito intencionalmente, isto é, sabendo do verdadeiro significado, tenha optado pela versão que lhe convinha, até porque, seguramente, raras pessoas deviam dominar o idioma russo no Brasil daquela época. Talvez o autor igualmente desconhecesse a língua e, julgando que os leitores também não a conhecessem, decidiu trasladar o conteúdo dos cartazes como bem lhe proveria. Quanto à sua publicação no impresso, é possível que tenha sido determinada pelo Serviço de Divulgação da Chefia de Polícia. O fato é que a *Revista do Globo*, sob a direção de Luiz Estrela, concedeu três páginas daquela edição para uma matéria elaborada a partir de recursos desonestos por um órgão do poder público, uma manobra, segundo Motta, típica do aparato repressivo do Estado. Em algumas ocasiões, agentes policiais e militares ligados à repressão fabricaram “provas” do recrudescimento das atividades comunistas. (MOTTA, 2002, p.169). O quinzenário, assim, contribuiu para legitimar o combate que o governo dizia ser necessário travar contra o comunismo.²⁵

Seria esse um gesto de gratidão de Estrela para com Vargas, de quem havia partido o pedido que seria decisivo para criação da revista? Para Dalmáz – que investigou a imagem do Terceiro Reich no periódico entre os anos 1930 e 1940 – a *Revista do Globo* mostrou-se invariavelmente fiel a Getúlio e a seu governo por essa razão. Enquanto persistiu a colaboração entre os governos brasileiro e alemão, o autor percebeu a ausência de matérias hostis ao Reich,

²⁵ Vale lembrar que o próprio regime estado-novista foi mais facilmente instaurado após a divulgação do Plano Cohen, um documento elaborado pelo integralista Olímpio Mourão Filho – mas atribuído falsamente aos comunistas – que previa a deflagração de uma revolução seguida do assassinato de centenas de pessoas.

sobretudo em 1937. No ano seguinte, ele encontrou críticas veladas a Hitler e à Alemanha. O tom dos discursos se modificou quando mudou a política externa brasileira em relação à Alemanha, entre 1939 e 1945. O Brasil alinhou-se aos Estados Unidos (EUA) e participou da luta contra o Eixo ao lado dos aliados na Segunda Guerra Mundial. A discricção cedeu lugar a críticas contundentes ao nazismo, a Hitler e a seu país. (DALMÁZ, 2002, p.276).

Tendo a apostar em outra explicação, pelo menos, levando em conta a difusão sobre o comunismo na revista. Concordo que os laços de gratidão de seus proprietários com o presidente da República tivessem algum peso e limitassem em certo grau a orientação do quinzenário. Mas não foram determinantes para ditar os critérios de seleção do que seria publicado e de como seria. Parece ser necessário considerar também as condições sociais de produção do discurso veiculado pela *Revista do Globo*. Cada uma de suas edições era o resultado de escolhas do que e de como tornar públicos determinados assuntos, uma seleção feita pela equipe responsável pelo periódico, especialmente por seu diretor, que dava a linha editorial. Tais opções eram realizadas a partir de esquemas de pensamento e de expressão incorporados ao longo da vida social e de acordo com a posição que tais agentes ocupavam no espaço de relações sociais da época, de suas inserções em outras esferas de atividade e de seus interesses. Talvez a proposta fique mais clara na medida em que prosseguirmos na análise.

O período de Luiz Estrela como diretor da *Revista do Globo* se encerrou em 1938. Tivemos oportunidade de examinar seus posicionamentos em relação à política internacional – em especial, ao comunismo – através dos textos que selecionou para serem publicados e dos que escreveu para o quinzenário. Nestes, ele se assumiu defensor da democracia e cristão (certamente católico), características que parecem ter orientado a escolha que fez de artigos e de reportagens altamente críticos à Guerra Civil Espanhola, à União Soviética e ao comunismo.

Seu antecessor, Erico Verissimo, se chegou a expressar opiniões políticas no periódico, estas nos passaram despercebidas. Em sua fase, predominaram as publicações sobre variedades, acontecimentos envolvendo a elite (semelhante ao que hoje chamaríamos de coluna social) e literatura. O comunismo, quando atacado, o foi sutilmente, por um viés moralista e nunca por textos assinados por Verissimo. Mesmo em 1935, ano da Aliança Nacional Libertadora (ANL) – que teve participação de vários comunistas no Rio Grande do Sul, inclusive na sua fundação (KONRAD, 1994, p.170-173) – e dos levantes no mês de novembro em Natal, Recife e no Rio de Janeiro, a *Revista do Globo* não divulgou nenhuma reportagem ou artigo mais crítico sobre

o ideal comunista e seus adeptos, contrastando com os órgãos da grande imprensa gaúcha.²⁶ É possível que a razão para essa ausência seja a solidariedade do escritor para com colegas e amigos literatos perseguidos e presos pela polícia política no decorrer daqueles acontecimentos, como Dyonélio Machado.²⁷ Mas também não se pode descartar a possibilidade do periódico estar sendo alvo da censura, mesmo que seus proprietários mantivessem excelentes relações com os governos estadual e federal. Em livro de memórias sobre Henrique Bertaso, o autor de *Clarissa* lembrou que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) os “bafejava ameaçadoramente a nuca”, e a “sombra de seus censores” projetava-se sobre seus espíritos, suas casas e gabinetes de trabalho. (VERISSIMO, 1973, p.94). No quinzenário que administrava, Erico não chegou a demonstrar claramente seus posicionamentos. Mas, em outros veículos, o romancista encabeçou assinaturas de manifestos contrários ao integralismo e ao nazifascismo, atitude que contribuiu para que fosse fichado como comunista do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) do estado. (VERISSIMO, 1974, p.256).²⁸

O sucessor de Luiz Estrela, Justino Martins, assumiu a direção da *Revista do Globo* a partir da primeira edição de 1939.²⁹ Segundo Erico Verissimo,

²⁶ De acordo com Konrad (1994, p.305 e 317), os jornais *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, *A Federação* e *Jornal da Manhã* defendiam os interesses das oligarquias tradicionais e apoiavam as medidas tomadas pelos governos estadual e federal contra os “extremistas”, configurando em suas edições uma síntese das manifestações de oposição a ANL e ao comunismo encontradas nos discursos da Igreja Católica e dos integralistas.

²⁷ Foi por sugestão de Erico Verissimo, no final de 1934, que Dyonélio Machado decidiu colocar no papel a estória que amadurecia havia quase dez anos para concorrer ao Prêmio Machado de Assis, oferecido pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo. No ano seguinte, Machado participou da ANL, no desenrolar dos acontecimentos de novembro, acabou sendo preso. Para ajudar o amigo, Verissimo articulou-se com Jorge Amado – primo de um dos membros da comissão julgadora do concurso – para que o livro de Dyonélio fosse o vitorioso, pois um prêmio literário daquela envergadura daria notoriedade e prestígio ao vencedor. *Os Ratos*, assim, foi escolhido o melhor romance pelos jurados, juntamente com outras três novelas: *Marafa*, de Marques Rebelo, *Totônio Pacheco*, de João Alphonsus, e *Música ao Longe*, de Erico Verissimo. Cf. VERISSIMO, 1974, p.259-260; AMADO, 1992, p.515-517; MACHADO, 1995, p.21-28.

²⁸ Em suas memórias, Verissimo relata que mais de uma vez foi chamado ao gabinete do Chefe de Polícia ou seguido por investigadores por conta da suspeita de que era comunista. Cf. VERISSIMO, 1974, p.256-257, 262-263 e 273.

²⁹ Justino Martins era natural de Cruz Alta, nascido em 13 de abril de 1917. Foi casado com Lucinda, cunhada de Erico Verissimo. Além do trabalho realizado como diretor da

Martins foi o “homem de talento e espírito objetivo, habilíssimo repórter e ‘revisteiro’” que tornaria o veículo de comunicação da família Bertaso conhecido nacionalmente. (VERISSIMO, 1974, p.253). Ele permaneceu na função até abril de 1947, fase na qual realizou uma série de transformações que deram à revista uma feição moderna. (MOREIRA, 2005, p.13). Dalmáz (2002, p.53 e 205) constatou que o cruz-altense superou o predomínio literário do periódico e imprimiu-lhe um caráter jornalístico mais abrangente. As modificações ocorreram de forma gradual, começando pela organização do conteúdo literário, a partir da criação de várias seções, marcando claramente o vínculo do quinzenário com a Livraria e a Editora Globo. (DALMÁZ, 2002, p.57).

Para Dalmáz, o início do trabalho de Justino Martins na direção da *Revista do Globo* coincidiu com o aumento das publicações a respeito do Terceiro Reich. De 1939 a 1945, cresceu o número de matérias sobre o assunto, bem como se observou uma alteração em seu conteúdo, que passou a expressar com absoluta convicção uma hostilidade ao regime nazista, abandonando o silêncio e as críticas recatadas. (DALMÁZ, 2002, p.205).

As mudanças protagonizadas por Justino Martins podem ser visualizadas a cada edição. Aos poucos, as páginas dedicadas aos interventores, ao presidente Vargas e a assuntos e acontecimentos sociais – entenda-se da elite – diminuíram consideravelmente, dando lugar a um número crescente de reportagens, crônicas, críticas e ensaios. As reportagens – inúmeras produzidas por Justino – abordavam não somente questões da política internacional, mas também aspectos da vida dos populares (gafieira, candomblé etc.) e graves problemas sociais, como a miséria em Porto Alegre e outras capitais, a marginalização do gaúcho que vivia no campo, os meninos que trabalhavam como jornaleiros, os menores abandonados, os moradores de rua e as mulheres que viviam no presídio feminino. Quando tais temas vinham à baila, os textos geralmente eram narrados em tom dramático.³⁰

Revista do Globo e tradutor da Editora homônima, costuma-se destacar em sua carreira a atuação nas revistas *Manchete* e *Ele Ela*, do Rio de Janeiro. Para algumas informações, ver MARTINS, 1978, p.351-352.

³⁰ Alguns exemplos: Um bairro Portoalegrense. Bom Fim, o eco de mil vozes. Ano XI, n.243, 14/01/1939, p.26-27; Barcos do Guaíba. Ano XI, n.247, 11/03/1939, p.22-23; Homens sem endereço. Ano XIII, n.306, 25/10/1941, p.17-19; O Clube dos Jornaleiros. Ano XIV, n.324, 08/08/1942, p.20-23; Um domingo na Vila Assunção. Ano XV, n.346, 29/08/1943, p.27; O drama dos marginais. Ano XV, n.352, 27/11/1943, p.19-21; Prisão de Mulheres. Ano XVI, n.355, 22/01/1944, p.19-21; Uma Religião sem Bíblia. Ano XVI, n.362, 06/05/1944, p.25-27; Serão Estes Nossos Filhos?

Assim como observado por Dalmáz para o Terceiro Reich, o número de matérias sobre a União Soviética publicadas na *Revista do Globo* aumentou no período de Justino Martins. Os textos, no entanto, em nada foram hostis ao país comunista. O conterrâneo de Verissimo também dispensou muitas páginas para escritores russos. Foram publicados textos muito elogiosos à vida e à obra de Máximo Gorki, por exemplo, bem como contos de sua autoria. Claro deve estar que Gorki e outros literatos da Rússia eram editados pela Globo, e não parecia ser bom negócio hostilizar ou difamar tais autores na revista. Mas, sob a direção de Justino, o impresso igualmente ofereceu aos seus leitores artigos de escritores e jornalistas soviéticos não editados pela Casa, como Ilya Ehrenburg, membro do alto escalão do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Além disso, o periódico abriu espaço para uma série de jornalistas, tradutores, gravuristas e escritores brasileiros conhecidamente comunistas. Eles foram objeto e autores de diversas reportagens e artigos tornados públicos pelo quizenário.³¹ A maioria deles era vigiada pelo DOPS e considerada extremamente perigosa para a segurança nacional. É provável que a publicação de matérias envolvendo esses homens e mulheres voltados para as letras e para o comunismo se tratasse de estratégia de propaganda semelhante à usada para os autores russos. Verissimo comentou que Henrique Bertaso acolhia bem os escritores nacionais e, entre 1931 e 1945, publicou contos, romances e poesias de, entre outros, Theodomiro Tostes, Cyro Martins, Paulo Correia Lopes, Othelo Rosa, Reynaldo Moura, Athos Damasceno Ferreira, De Souza Júnior, Ernani Fornari e Ângelo Guido, além de lançar Augusto Meyer, Moysés Vellinho, Mário Quintana e Dyonélio Machado. (VERISSIMO, 1973, p.37-38). Convém advertir que os literatos editados por Bertaso formavam um conjunto heterogêneo no que diz respeito a convicções políticas e correntes literárias, e nem todos os jornalistas e literatos próximos ao PCB que colaboraram na *Revista do Globo* no período de Justino Martins tiveram seus escritos impressos pela Globo.

Ano XVI, n.369, 19/08/1944, p.28-31; Rei do Congo e Rainha Ginga. Ano XVII, n.379, 27/01/1945, p.24-27; Miséria Organizada. Ano XVII, n.389, 23/06/1945, p.21-25; Favela, Eterna Favela... Ano XVII, n.397, 27/10/1945, p.21-23; Aquela Rua em São Paulo. Ano XVII, n.400, 08/12/1945, p.19-25; Gafieiras. Ano XVIII, n.404, 09/02/1946, p.19-25.

³¹ Foram eles: Afonso Schmidt, Álvaro Moreyra, Aparício Torelly (Barão de Itararé), Beatriz Bandeira, Décio Freitas, Carlos Scliar, Cyro Martins, Dalcídio Jurandir, Dyonélio Machado, Gilda Marinho, Homero de Castro Jobim, Ivan Pedro de Martins, Jorge Amado, José Gay da Cunha, Juvenal Jacinto de Souza, Lila Ripoll, Marina Maciel, Moacir Werneck de Castro, Nelson Werneck Sodré, Oswald de Andrade, Osvaldo Peralva, Paulo Fontoura Gastal, Plínio Moraes (Jacob Koutzii), Salomão Scliar e Tito Batini.

Um elemento que pode ajudar a explicar a mudança de posição do quinzenário em relação ao comunismo e aos comunistas a partir de 1939 é o fato de seu diretor ser um deles. Além das reportagens produzidas em tom de denúncia sobre pobres e demais grupos marginalizados na época – o que já poderia nos instigar a respeito dos seus posicionamentos políticos – Justino Martins foi apontado nas memórias de Jorge Amado como um dos comunistas latino-americanos que tinham como reduto em Paris o Grand Hotel Saint-Michel. (AMADO, 1992, p.551). Ademais, Martins foi assíduo colaborador da revista *Diretrizes*, periódico que, embora não tivesse ligação oficial com o PCB, contava com vários de seus partidários na redação. Por fim, cabe mencionar evidências encontradas em relatórios do DOPS a respeito das atividades políticas de Justino. Uma carta, datada de 23 de novembro de 1942, do dirigente comunista de São Paulo Tito Batini para o diretor da *Revista do Globo* e para Eduardo Barreiro (militante de Passo Fundo) foi interceptada por agentes policiais e serviu para que rastreassem a ação de intelectuais ligados ao PCB.³² O policial relatou que a missiva dava instruções de Batini quanto ao posicionamento a ser adotado pelos comunistas em relação à Vargas e ao Eixo. A orientação era apoiar o governo, mas não indefinidamente. Deveriam os companheiros prestar apoio em sua declaração de guerra contra a Alemanha e seus aliados, no plano externo, e na sua luta contra os integralistas, no plano interno, utilizando, para tanto, “o rádio, a imprensa, o livro, a conferência, todos os meios [ao] nosso alcance.” Para Batini, apoiar o governo contra o Eixo ajudava a deixá-lo numa situação comprometida a fazer aquilo que não convinha aos “reacionários” que o integravam. Os passos de Justino Martins continuaram sendo monitorados pelos agentes do DOPS até, pelo menos, 1949. Em 1944, novos documentos relataram as ligações de Justino, Barreiro e Luiz Madureira (atuante em Santana do Livramento) com Tito Batini, havendo em um deles referência à declaração do anarquista Frederico Kniestedt de que Martins era ex-secretário do Partido Comunista de Porto Alegre.³³

Somente as informações deixadas pela polícia política a mencionar a ligação de Justino Martins com o comunismo não são suficientes. É necessário levar em consideração – conforme advertências de Alexandre Fortes e Luigi Negro – que os ofícios e os documentos a eles anexados encerram aspectos específicos de um mundo vigiado, no qual as informações confidenciais eram

³² Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611. Disco 4. F.00409: Ofício enviado ao Interventor Federal por Aurélio da Silva Py, Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, datado de 17 de março de 1943.

³³ Fundo DOPS. Setor Estados (Rio Grande do Sul). Pasta 19. Caixa [B] 611. Disco 4. F.00380: Relatório datado de 8 de novembro de 1944 sobre o Movimento de Antinazistas Alemães do Brasil. A afirmação sobre Martins encontra-se na f.00383.

um recurso para a preservação do poder do Estado e das classes dominantes e para a luta de outras forças políticas pela viabilização de suas estratégias. A produção da documentação era pautada por uma lógica totalitária, que encarava qualquer dissonância, ou novidade na dinâmica da sociedade, como um desvio (conforme vimos no caso de Erico Verissimo). Logo, tudo o que restou sobre os comunistas presente nos arquivos da polícia política foi recolhido ou criado (no caso dos relatórios elaborados pelos agentes policiais) no sentido de demonstrar que os comunistas eram culpados de tentar subverter a ordem social. O material produzido constituía-se no passo entre a suspeita e a culpa. (FORTES; NEGRO, 2004, p.15 e 18). Entretanto, se associarmos os dados policiais com as demais evidências encontradas, é possível sustentar que Justino Martins era comunista.

No trabalho realizado como diretor da *Revista do Globo*, Martins parece ter seguido as orientações repassadas por Tito Batini, publicando um número crescente de reportagens e artigos hostis à Alemanha e ao nazifascismo e, por outro lado, oferecendo muitas páginas em defesa dos países aliados, em especial à União Soviética. De acordo com as pesquisas de Dalmáz, autores estrangeiros e nacionais ridicularizaram a vida pública e particular de Hitler, atacaram a política de depuração racial e o antisemitismo e descreveram as atrocidades praticadas pelo Reich, além de oferecer total apoio a Vargas, repudiando o afundamento dos navios brasileiros pelos submarinos alemães. (DALMÁZ, 2002, p.276-278). As matérias envolvendo a Rússia, por sua vez, foram, em sua maioria, simpáticas, abordando os literatos e a literatura russa (Gorki, Tolstoi, Gogol, Dostoievski, Tchaikovski), explorando a figura de Stalin, exaltando o Exército Vermelho e a batalha de Stalingrado, bem como explicando o processo de socialização do campo. O conteúdo, como se vê, foi bastante marcado pela conjuntura de guerra e pelo desempenho da URSS. A linha de abordagem, conforme demonstraremos a seguir, foi distinta da usada nos textos publicados sob as direções de Erico Verissimo e Luiz Estrela, desaparecendo as análises moralistas acerca da Rússia e do comunismo.³⁴

Alguns textos são paradigmáticos nesse sentido. Um deles é o artigo “A Rússia de Hoje”, de julho de 1943, escrito pelo correspondente das revistas

³⁴ Interessa mencionar que de 1939 a 1945, cresceu o número de jornalistas e escritoras que colaboraram na *Revista do Globo* e se divulgou textos defendendo a emancipação feminina. Exemplos: Mulheres inglesas trabalham. Ano XIII, n.303, 13/09/1941, p.18; Deviam as mulheres governar o mundo? Ano XIII, n.306, 25/10/1941, p.4-5; A mulher russa na guerra. Ano XIII, n.307, 08/11/1941, p.44-45; Precisa-se de uma senhora ou senhorita. Ano XIII, n.309, 06/12/1941, p.20-21; Da mulher para a mulher. Ano XV, n.345, 14/08/1943, p.40-41 e 63.

Time e *Life* na União Soviética Walter Graebner.³⁵ O artigo derretia-se em elogios ao soldado russo, explicando que ele era tal como seu povo: folgazão, simples e inteligente; que fazia amigos com facilidade; era capaz de sacrificar tudo por uma pessoa de quem gostasse; que dificilmente era tomado pela cólera, mas, quando acontecia, tornava-se terrível; e que, se preciso fosse, lutaria a pão e água.³⁶ Graebner falava também da retomada das atividades na indústria, na agricultura e na ciência após a vitória em Stalingrado. Contava que os russos estavam vivendo para a guerra, que não se encontrava artigo de luxo no país e havia um racionamento rigoroso. As mulheres estavam realizando todos os trabalhos, mesmo os mais pesados, numa rotina que não afetou os costumes da população, que seguia economizando extraordinariamente, apreciando esportes, cinema, flores, livros, boas roupas e móveis cômodos, entre outras coisas. Por fim, o jornalista comentava a cordialidade e a gentileza dos policiais russos e a inexistência de prostituição no país – o que, em sua opinião, demonstrava que a guerra não havia diminuído a moral –, ressaltava a vaidade e a beleza das mulheres – para quem o casamento não valia como instituição, mas como uma prova de amor – e o patriotismo dos soviéticos.

Em 1941, a revista já havia divulgado um relato de viagem de um jornalista dinamarquês contando vários progressos materiais e administrativos realizados pela URSS nos últimos anos, embora ainda deixasse a desejar em alguns aspectos.³⁷ Em 1943 e 1944, além da reportagem acima descrita, outros artigos passaram a defender abertamente a União Soviética, certamente, motivados pela vitória desta na Batalha de Stalingrado.³⁸ De um modo geral, eles ressaltavam mal-entendidos forjados e disseminados contra os soviéticos; afirmavam haver democracia econômica e política, não sendo Stalin, portanto, um ditador; esclareciam que a Rússia pretendia manter as mesmas fronteiras após o conflito, mas que sua influência aumentaria indubitavelmente, em

³⁵ A Rússia de Hoje! Ano XV, n.343, 10/07/1943, p.22- 25 e 51.

³⁶ Desde 1939, o quinzenário publicou reportagens sobre o Exército Vermelho. Primeiramente, elas cogitaram as possibilidades de ele vencer o poderio alemão. No decorrer da guerra, os soldados russos foram ganhando aura de heróis e seu desempenho narrado entusiasmamente. Cf. Poderá o Exército Russo Deter Hitler? Ano XI, n.254, 24/06/1939, p.2-3; Qual a Eficiência do Exército Russo? Ano XIII, n.293, 12/04/1941, p.22-25; A Rússia Resiste ao Colosso Alemão. Ano XIII, n.299, 12/07/1941, p.32-33; A Rússia e seus Heróis. Ano XV, n.340, 29/05/1943, p.32-33.

³⁷ Como viajei na Rússia. Ano XIII, n.295, 17/05/1941, p.10 e 65.

³⁸ Só em 1943, o periódico divulgou três matérias sobre Stalingrado. Num deles, leitores depararam-se com afirmações como essa: "Stalingrado... O Rochedo onde se espatifou o 'Colosso Alemão'". Cf. Stalingrado. Ano XV, n.339, 15/05/1943, p.32-33

virtude de seu prestígio, o que não significaria, necessariamente, dominação.³⁹

Quanto à figura de Stalin, um dos primeiros artigos publicados pelo impresso o comparava a Chamberlain, Primeiro Ministro do Reino Unido. Para o autor, Emil Ludwig, era impossível ambos se unirem contra a Alemanha, pois o inglês era um burguês representante de sua classe, homem conhecedor de vinhos, dado à caça (esporte aristocrático), magro e elegante, enquanto Stalin vinha do proletariado, era um revolucionário, contra a tradição, contrário a manifestações de luxo, rechonchudo e deselegante ao se vestir. Logo, eram inconciliáveis.⁴⁰ Se o texto não enaltecia a figura do Secretário Geral do PCUS, também não o depreciava. Ludwig escreveu outro artigo sobre Stalin, que integrou a edição de junho de 1942. Nele o escritor alemão fez uma análise da fisionomia do georgiano – seus gestos, sua postura – e resgatou alguns pontos de sua trajetória, a fim de definir se ele era um gênio ou um demônio. Sua conclusão foi a de que o grande plano de Stalin era estabelecer o comunismo na Alemanha – o que poderia, dependendo do posicionamento do leitor a respeito do assunto, ser considerado algo típico de alguém genial ou demoníaco.⁴¹ Em fins de 1944, *Revista do Globo* publicou um texto muito elogioso de Ralph Parker sobre Stalin. O correspondente da *Times* em Moscou falou da elegância, da cordialidade, dos conhecimentos gerais e do amor à literatura do líder soviético, contribuindo para desfazer a imagem inflexível – quando não satânica - na qual o envolviam algumas vertentes do discurso anticomunista.⁴²

Sob a direção de Justino Martins, a *Revista do Globo* aumentou consideravelmente o número de matérias sobre a União Soviética, selecionando textos com teor substancialmente diferente ao encontrado nas edições mais antigas do periódico, sobretudo as da fase de Luiz Estrela. Algumas reportagens mostravam o quão positivo era o trabalho da mulher para uma sociedade em guerra, como a URSS, sem cogitar qualquer consequência moralmente nefasta disso nas futuras gerações. Outras defendiam o caráter não ditatorial e não totalitário do país, percorrendo direção oposta aos textos publicados anteriormente, que batiam com frequência nessa tecla. Outras ainda enalteciam a sociedade, o povo e o Exército russo, assim como Stalin.

Não é possível estabelecer uma identificação entre as fases de crítica e

³⁹ É a Rússia um País Democrático? Ano XVI, n.365, 24/06/1944, p.34-35.

⁴⁰ Stalin X Chamberlain. Ano XI, n.258, 26/08/1939, p.2-5.

⁴¹ Stalin – Gênio ou Demônio. Ano XIV, n.320, 06/06/1942, p.22-23.

⁴² Stalin já foi poeta. Ano XVI, n.370, 09/09/1944, p.36.

de simpatia ao comunismo na *Revista do Globo* e a posição do governo brasileiro em relação à Rússia. O período em que Verissimo e Estrela estiveram na direção e durante o qual prevaleceram imagens negativas sobre a URSS, representações hostis acerca daquele país já circulavam no Brasil desde a Revolução de Outubro de 1917 e se intensificaram após a “Intentona Comunista”. (MOTTA, 2007, p.230 e 234). No entanto, em 1939, quando o quinzenal se inclinou para uma visão favorável à pátria do comunismo na chefia do comunista Justino Martins, o Brasil e a União Soviética permaneciam diplomaticamente afastados. Essa situação mudou somente em 1942, quando Vargas declarou guerra ao Eixo, ação que, de acordo com Motta, trouxe constrangimentos para a política anticomunista e antissoviética em vigor desde 1935, pois a Rússia compunha o bloco que combatia a Alemanha e seus aliados. O Brasil, assim, por vias indiretas, foi obrigado a se unir ao odiado e temido país dos soviets, embora tenha aceitado trocar embaixadores somente em 1945. (MOTTA, 2007, p.234-235).

A análise dos artigos e reportagens sobre o comunismo e a União Soviética veiculadas na *Revista do Globo* no decorrer da Era Vargas demonstrou que a menor ou maior simpatia por eles esteve atrelada à orientação dada ao periódico pelos diferentes profissionais que assumiram sua direção no período. Essa característica permaneceu após a saída de Justino Martins, em 1947, quando Henrique Bertaso e, depois, seu irmão, José Bertaso Filho, tomaram as rédeas do quinzenário. Na direção deles, porém, diminuiu consideravelmente o número de matérias acerca do comunismo e da URSS, e, quando esses assuntos vieram à baila, foram envolvidos em sutis denúncias e em tom pejorativo, demonstrando de que lado os diretores estiveram durante a Guerra Fria.

Referências bibliográficas:

AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. São Paulo: Círculo do Livro, 1992.

BERTASO, José Otávio. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo, 1993.

CORADINI, Odaci Luis. Regionalismo, positivismo e comunitarismo orgânico nos confrontos de elites culturais e políticas no Rio Grande do Sul (1920-1960). In: TRINDADE, Hégio. (Org.). *O positivismo: teoria e prática*. Sesquicentenário da morte de Augusto Comte. 3ª Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.419-440.

DALMÁZ, Mateus. *A Imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FORTES, Alexandre & NEGRO, Antônio Luigi. Esquerda e direita: fontes nacionais para a História social. *Métis: história & cultura*. Vol. 3, nº 5, janeiro/junho de 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Sua história. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

KONRAD, Diorge Alceno. *1935: a Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação (Mestrado em História), 1994.

LOVE, Joseph L. *O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

MACHADO, Dyonélio. *O Cheiro da Coisa Viva*. Entrevistas, reflexões dispersas e um romance inédito: O Estadista. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1995.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1978.

MOREIRA, Alice Therezinha Campos. (Org.). As interfaces literárias na Livraria do Globo. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, Vol.11, n.1, nov. 2005.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em Guarda Contra o "Perigo Vermelho"*. O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

_____. O Perigo é Vermelho e vem de Fora: O Brasil e a URSS. *Locus*. Revista de História, Juiz de Fora, v.13, n.2, p.227-246, 2007.

PETRARCA, Fernanda Rios. *"O jornalismo como profissão"*. Recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS, Porto Alegre, 2007.

TORRESINI, Elizabeth W. R. *Editora Globo*. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40. Porto Alegre: PUCRS. Dissertação (Mestrado em História da Cultura Brasileira), 1988.

VERISSIMO, Erico. *Um Certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Porto Alegre: Editora Globo, 1973.

_____. *Solo de Clarineta*. Memórias. Porto Alegre: Globo, 1974.

Abstract: The paper analyzes articles and reports about the communism and the Soviet Union published by *Revista do Globo* during the called Vargas Era (1930-1945). The purpose is to show the connection between the frequency and content of the texts with the individuals who took the magazine's direction in the period, especially Erico Verissimo, Luiz Estrela and Justino Martins.

Keywords: Communism. Soviet Union. *Revista do Globo*.

E-mail: marisangelamartins@gmail.com